

# Outros olhares sobre o passado em *The discoveries of mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994), de Paula DiPerna

Kamyla Katsue Kawashita <sup>1</sup>  
Gilmei Francisco Fleck <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994), de Paula DiPerna, sob o paradigma do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007), como uma das poucas narrativas de autoria feminina existentes sobre a temática histórica que envolve as ações de Cristóvão Colombo e a Poética do Descobrimento. Destacamos alguns traços da narrativa que remetem à valorização da participação da mulher nos eventos históricos, bem como à crítica que evidencia outras perspectivas para as ações de Colombo em sua primeira viagem à América. A obra propõe um revisionismo não inocente da trajetória passada e a releitura pelo viés feminino de uma mulher inserida no século XX, cujas perspectivas diferenciavam-se daquelas das mulheres do século XVI. Pautamos nossa análise nos pressupostos da Literatura Comparada, em especial nas relações da Literatura com outras áreas do conhecimento.

**Palavras-Chave:** Romance histórico contemporâneo de mediação. Escrita feminina. Poética do descobrimento, *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994).

## 1 Introdução

A descoberta da América, registrada em 12 de outubro de 1492, evento ocasional na rota alternativa pelo Oeste, por meio da qual Colombo buscava alcançar as exóticas terras de Cipango e Catay, é, para Todorov (1983), a data mais indicada para definir o marco inicial da era moderna.

Devido à importância concedida ao fato histórico que marcou nossa entrada na história do ocidente e a constituição e representação do indivíduo com outras possibilidades além daquelas restritas à Idade Média, a figura de Colombo é vastamente abordada na poética romanesca a partir de produções híbridas de história e ficção. Tais obras contribuem para a exaltação de sua figura histórica, comum nas produções norte-americanas, como também, por meio de releituras críticas da personagem e suas ações, comumente presentes no universo latino-americano. É justamente devido à escassez documental que forneça subsídios que “comproven” fatos relativos à vida e à pessoa de Colombo,

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: kwashita@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Associado da UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

que as produções romanescas encontram uma lacuna fértil para elaborar a personalidade do Almirante pelo viés da ficção.

Uma dessas produções é a obra *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version*, publicada em 1994, pela escritora norte-americana Paula DiPerna. Trata-se de uma releitura ficcional do Diário oficial de Colombo através do viés da mulher. O romance é apresentado como a versão do documento oficial escrita por Felipa Moniz, primeira esposa de Colombo, como se ela mesma estivesse a bordo com Colombo e a tripulação em busca das Índias. É uma narrativa que busca apresentar o olhar da mulher do século XVI, subjugada ao autoritarismo patriarcal, por meio da voz e visão de uma mulher que possui muitos dos traços femininos do século XX.

A narrativa apresenta aspectos que a caracterizam como a mais recente modalidade de escrita híbrida: o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007; 2017), pela mescla entre o histórico e a ficção, o olhar “visto de baixo” (SHARPE, 1991), a narrativa linear e amena, o tom paródico, bem como a presença da metaficção. Para melhor tratar das questões relacionadas à obra, iniciamos nossa abordagem aos aspectos que caracterizam essa modalidade do gênero.

## 2 O romance histórico contemporâneo de mediação

O gênero romance histórico surge no século XIX, com *Waverley* (1814) e *Ivanhoé* (1819), de Walter Scott. Ele se caracterizou, a princípio, pela presença de um pano de fundo histórico no romance que, como aponta Fleck (2005), levou o homem ao despertar de certa consciência sobre a condição histórica do ser humano. Nessas obras, a ambientação na qual a trama ficcional se desenvolve – embasada em fatos históricos e agregada ainda à configuração de personagens históricas bem conhecidas, que se apresentam nos moldes da época e que interagem com personagens fictícias criadas pelo autor – aproxima as ações do romance o máximo possível da realidade histórica inserida na obra, garantindo-lhe um alto grau de verossimilhança.

Essa modalidade de romance histórico clássico espalhou-se rapidamente por toda a Europa e, em seguida, pelas Américas. Passou por uma série de transformações ao longo do tempo e gerou novas vertentes do gênero como o romance histórico tradicional (MÁRQUEZ RODRÍGUES, 1991; FERNÁNDEZ PRIETO, 2003), o novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1988, 1991; MENTON, 1993); as metaficções historiográficas (HUTCHEON, 1991) e os romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007, 2008, 2017). As modalidades contemporâneas críticas do gênero, isto é, os novos romances históricos latino-americanos e as metaficções historiográficas, enquadram-se sob o signo da “transgressão” e da “desconstrução” em relação aos modelos canônicos europeus.

Na contemporaneidade, há ainda uma grande quantidade de romances históricos que trabalham na esfera da “mediação” entre os modelos canônicos tradicionais e os críticos e desconstrucionistas. Eles se caracterizam, principalmente, pela volta da linearidade, a busca da verossimilhança e o emprego de uma linguagem simples e amena. Essa tendência, denominada por Fleck (2007, 2008, 2017) de romance histórico contemporâneo de mediação, surgiu com vigor nos anos de 1980 e comporta uma característica própria do nosso continente – a hibridez. Nesse sentido, essas produções tornam-se

mais acessível, pois encontram um limiar entre a histórica factual (ou seja, dada como oficial) e a ficção propriamente dita, mantendo uma linearidade, o que não ocorre diante dos exageros dos modelos experimentalistas característicos das décadas do auge do boom da literatura latino-americana. Sua elaboração congrega características do novo romance histórico latino-americano, como o emprego da paródia – entre outras características da “sinfonia bakhtiniana”, descrita por Menton (1993) –, a intertextualidade, bem como questões próprias da metaficção historiográfica – a metanarração, por exemplo –, com outras da modalidade tradicional: linearidade narrativa, verossimilhança, focalização normalmente centralizada, entre outras.

Dentre os aspectos que compõem essa modalidade de romance histórico estão presentes características inerentes ao novo romance histórico hispano-americano, elencadas por Aínsa (1991), e, em um segundo momento, revistas e reagrupadas por Menton (1993), e as características próprias da metaficção historiográfica nos termos de Linda Hutcheon (1998). Para Fleck (2007, p. 158) “entende-se por metanarração os procedimentos adotados pelo narrador de um romance com o objetivo de evidenciar os mecanismos de caráter ficcional que sustentam sua própria narração, seus artifícios, estratégias e procedimentos que são revelados ao leitor”. Com relação a seu emprego nessa modalidade mais atual de romance histórico, o pesquisador menciona: “A função do emprego desses procedimentos objetiva, na maioria das vezes, localizar o leitor no tempo e espaço da narrativa [...] além de conscientizar o leitor de que ele está diante de uma construção discursiva.” (FLECK, 2017, p. 111).

A escrita de mediação como modalidade de romance histórico teve repercussão notória no continente americano a partir da década de oitenta. Nosso objetivo, doravante, é propor uma análise reflexiva da obra da escritora norte-americana DiPerna, abordando trechos específicos nos quais são aparentes as relações intertextuais com o Diário de bordo de Colombo, que relevam seu caráter de escrita feminina e sua inserção na modalidade mediadora de romance histórico.

### 3 Outros olhares sobre o passado em *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994)

*The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his wife's version* (1994) é uma obra cujos relatos são constituídos por uma voz autodiegética, e proferidos de forma a parodiar as narrativas do Diário de bordo de Cristóvão Colombo, elaborado durante sua primeira viagem rumo às ilhas de Cipango e Catay via oeste. Tais relatos referem-se historicamente ao período de 03 de agosto de 1492 a 15 de março de 1493.

Em se tratando do caráter verossímil da obra, vale ressaltar que a narradora é a personagem de extração histórica Felipa Moniz Perestrelo, esposa portuguesa de Cristóvão Colombo, sobre a qual quase não há registros nos relatos históricos oficiais, se não pela informação de que seu pai era governador da Ilha de Porto Santo. Esta ausência de informação, conforme aponta Fleck, “[...] dá evidências de como o poder público tratava a mulher naquela época, considerando-se, inclusive, a questão de que Felipa pertencia a uma parte da elite, retrata a condição da mulher inserida no século XVI.” (FLECK, 2008, p. 275).

O olhar lançado pela história oficial sobre as mulheres do século XVI é descrito por Fernández Álvarez em sua obra intitulada *Casadas, monjas, ramera y brujas* (2002). Para o autor, existem nes-

se período duas valorações distintas atribuídas à mulher da época: “*Frente a las damas encumbradas (las grandes señoras de La Corte), las mujeres sencillas de la vida corriente. Frente a la rendida admiración, el brutal desprecio*”<sup>3</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 77). O sistema europeu na época excluía as mulheres das mais variadas esferas públicas e as impossibilitava de buscar êxito intelectual, mantendo-as “aprisionadas” em seus lares, submissas às normas patriarcais. Por meio da liberdade imagética da ficção enredada à história, no entanto, temos a possibilidade de recriar os “fatos” históricos, de dar voz aos silenciados e apresentar versões de histórias não contadas, com “visões vistas de baixo” (SHARPE, 1991), segundo prevê a nova história. Estratégia esta que foi adotada por Paula DiPerna ao inserir Felipa Moniz Perestrelo no papel de protagonista em sua obra.

A narrativa em questão é disposta em forma de um diário – o diário de bordo da Sra. Cristóvão Colombo. É dividida em 28 capítulos, totalizando 283 páginas, nas quais a Sra. Cristóvão Colombo descreve os fatos a partir do momento em que parte da Espanha rumo à Ásia, na nau Santa Maria, juntamente com seu marido, o Almirante, e a tripulação, acompanhados por duas naus parceiras, Pinta e Niña, cedidas pelo governo espanhol para a concretização da empreitada. A narradora relata os fatos ocorridos a partir do seu terceiro dia de viagem. O primeiro capítulo consiste de relatos da partida das naus do porto de Palos e de especulações referentes aos irmãos Pinzón.

O segundo capítulo retrata a parada feita nas Ilhas Canárias, mais propriamente, em Gomera, onde Felipa se depara com a governadora da ilha, que pensara até então ser um homem. Nesse momento, caem as primeiras escamas do olhar ingênuo e apaixonado que tinha por seu marido. Ao saber que o governador, com o qual o Almirante já havia travado contato por bastante tempo, era, de fato, uma mulher, ela induz seu marido a levá-la ao encontro com a governadora, Dona Beatriz de Peraza, para saudá-la. Assim, depara-se, pela primeira vez, com a incerteza da fidelidade de Colombo.

Nos próximos momentos da narrativa, embarca em um fluxo de consciência, uma anacronia, e transporta o leitor ao momento em que conheceu Colombo e em que se casou com ele. Descreve sua estadia em Portugal e como foi concebida a ideia da viagem; como se travaram os contatos e como tudo ocorreu até o momento presente da narrativa. A primeira parte da obra é caracterizada pela expressão de amor e serventia ao esposo, bem como um processo inconsciente de construção de identidade.

É no capítulo dezesseis que se abordam os acontecimentos de 12 de outubro em diante: o espanto, o maravilhamento e o estranhamento perante terras e povo desconhecidos, as tentativas de conversão dos nativos e o orgulho do conquistador. Felipa percebe, no decorrer dos eventos, o verdadeiro caráter de Colombo como um homem ambicioso e insensível. E é nessas novas ilhas que ela se aproxima de Pinzón e comete o ato de infidelidade. Felipa descobre novos prazeres e uma forma outra de amar e ser “amada”, e descobre, mais tarde, também, a inegável posição em que se encontra como mulher, após saber que não só seu marido lhe usara, tomando todo mérito da descoberta das ilhas para si, mas também seu amante apaixonado, no intento de obter o mérito da viagem para si. Traída por ambos, trai a ambos. Após um naufrágio, no momento em que estão retornando à Espanha, Felipa decide se afastar dos demais e permanecer nas terras desconhecidas, sozinha e grávida.

---

3 Nossa tradução: Diante das altas damas (as grandes senhoras da corte), as mulheres simples da vida cotidiana. Diante da pura admiração, o brutal desprezo.

O diário é concluído com uma dedicatória à Beatriz Henríquez de Harana que, no romance, é uma das amantes de Colombo, e que também estaria grávida. Pode-se inferir que, por meio desse recurso, a autora justifica a repercussão e publicação do diário de Felipa, atribuindo verossimilhança à obra. Beatriz seria a mulher espanhola a quem Colombo também amou, com quem também gerou um filho, aquela que compartilhou da mesma angústia da traição; aquela que continuaria a história de Felipa em terras europeias, como relata o diário: “*It is odd that I would consign all this to you, but in all that we have lived, we are opposite poles of the same Earth.*”<sup>4</sup> (DIPERNA, 1994, p. 287).

Conforme aponta Fleck (2008), o universo literário que permeia os feitos de Colombo passou a ser refletido na escrita de autoria feminina a partir do quarto centenário do descobrimento da América. Portanto, é uma temática relativamente recente no âmbito da escrita feminina. A produção de Paula DiPerna se mostra, nesse sentido, como uma obra de grande importância no campo das narrativas de extração históricas para as mulheres, pois propõe uma leitura inovadora, uma narrativa escrita por uma mulher e sobre uma mulher. Esta narrativa não só nos proporciona novas perspectivas quanto ao passado histórico de Colombo, mas, também, contribui com um dos maiores intentos da crítica feminista: o de recuperar personagens históricas, que estiveram presentes em momentos decisivos e foram, entretanto, excluídas dos registros oficiais.

Passamos, adiante, a analisar alguns dos aspectos relevantes na obra de DiPerna referentes à intertextualidade e à paródia que remetem às descobertas da narradora protagonista Felipa Moniz Perestrelo.

#### 4 As descobertas da sra. Cristóvão Colombo: das terras à identidade

Como característica própria dos romances históricos de mediação, esta narrativa mantém uma linearidade temporal dos registros feitos no *Diário* de Colombo. Apesar de deslocar o leitor no tempo para o passado pessoal de Felipa em determinado ponto da narrativa, típica manipulação temporal marcada por uma analepse, sempre o faz de forma que o leitor consiga distinguir a ordem cronológica dos acontecimentos descritos. Para tanto, a autora utiliza-se de estratégias que corroboram a verossimilhança da obra. No relato, ela faz intertextualidades, não só com o *Diário* de bordo oficial, mas também, com outros relatos oficiais. No capítulo intitulado *The secrets of the King*<sup>5</sup>, Felipa narra a passagem do rei João II por Lisboa a fim de retratá-lo historicamente e lançar uma prévia sobre o futuro encontro que viria a ter com o Rei no intuito de conseguir patrocínio para empreitada da viagem.

Logo após esse evento, em um diálogo entre Felipa e Colombo acerca dessas questões, Colombo expressa o quão frustrado se sentiria caso a proposta fosse recusada, “*If the King refuses, He ought not be King’, was all the Admiral had to say*”<sup>6</sup> (DIPERNA, 1994, p. 100). Aqui, lançamos um contraponto com uma informação registrada por Fernández de Oviedo, historiador espanhol e um dos primeiros cronistas de maior importância da presença espanhola na América, a respeito do projeto de expedição ao Caribe registrada na obra *Sumario de historia natural o de la natural Historia de las Indias*, livro II, capítulos 2-4, traduzido por Cohen:

---

4 Nossa tradução: É estranho que eu entregue tudo isso a você, mas em tudo o que já vivemos, somos polos opostos da mesma terra.

5 Nossa tradução: Os segredos do Rei.

6 Nossa tradução: “Se o Rei recusar, ele não deve ser o Rei”, era tudo que o Almirante tinha a dizer.



In no way disconcerted when Columbus saw that his services would not be accepted in England, He began to open negotiations of the same kind with King John II of Portugal. King John was no more convinced by Columbus, although he was living and had married in that kingdom and by his marriage had become a subject of Portugal. Uninfluenced by this, King John refused either to support or to aid Columbus in his project and put no trust in him<sup>7</sup> (COHEN, 1969, p. 33).

Nesta passagem, notamos que, ao comentar o não sucesso obtido por Colombo em sua tentativa de conseguir apoio da Inglaterra, Oviedo registra que Colombo não ficou, de forma alguma, “desconcertado” com a recusa. Porém, ao registrar a recusa feita pelo Rei de Portugal, não faz nenhum apontamento no que tange à reação do Almirante. Podemos concluir, assim, que DiPerna utiliza-se dessa passagem para promover a desconstrução do caráter exaltador dos discursos mistificadores sobre Colombo, pois em sua narrativa Colombo apresenta uma atitude, que pode ser admitida como egoísta, ao afirmar que se houvesse uma recusa por parte do Rei, este não deveria ser chamado de Rei.

Outra passagem que reitera o caráter linear da obra e traça uma conexão com os eventos marcados no discurso histórico dado como oficial é no momento da narrativa em que Felipa se preocupa em localizar o leitor do seu diário no tempo e no espaço, “*The cabin boy knocked, and I put my pen and paper away before letting him come in. I had not felt the time pass. [...] I followed him above the deck and into the brilliant sunshine of our third full day at sea*”<sup>8</sup> (DIPERNA, 1994, p. 1).

Esta passagem deixa explícito que seus registros são mantidos a partir do terceiro dia de viagem, ou seja, dia 05 de agosto de 1492. Ainda, a partir da afirmação “*I put my pen and paper away before letting him come in*”, infere-se que Felipa executa o mesmo ato que Colombo – mantém seus registros na forma de diário, no qual irá inserir informações que considere pertinentes.

A narradora também se preocupa em esclarecer o caráter de seu diário. Vemos na seguinte passagem a preocupação em diferenciar o seu registro daquele – bem conhecido do leitor contemporâneo – de Colombo,

The Admiral writes down much of what happens, so do I, though I haven’t told him. My record is my own, to keep note of our impression on a trip no one has made before, to float a frame on the moving sea of my mind to which random thoughts can cling before drowning, unheard or unshared<sup>9</sup> (DIPERNA, 1994, p. 2).

Felipa apresenta seu registro como documento particular, de posse unicamente sua. Podemos inferir, desse modo, que outro viria a ser o registro oficializado pela historiografia. Ao comentar que sua escrita tinha o propósito de anotar as impressões sobre uma viagem que jamais fora feita, a narradora está se referindo não somente à empreitada marítima, mas também, a sua própria descoberta como sujeito, tendo em vista que este, possivelmente, seria o primeiro registro pertencente à Felipa Moniz

7 Nossa tradução: De maneira alguma desconcertado quando viu que seus serviços não seriam aceitos na Inglaterra, Colombo passou a travar negociações similares com o rei João II de Portugal. D. João não foi melhor convencido por Colombo, embora casara-se e estivesse vivendo naquele reino, e pelo seu casamento tornara-se um assunto de Portugal. Sem deixar se influenciar por isto, D. João recusou tanto a apoiar ou a ajudar Colombo em seu projeto e não depositou confiança alguma nele.

8 Nossa tradução: O grumete bateu à porta da cabine de bordo e eu guardei minha pena e papel antes de deixá-lo entrar. [...] Eu o segui ao deque da nau e para dentro da brilhante luz do sol do nosso terceiro dia completo no mar.

9

Perestrelo encontrado na história. Tal afirmação pode ser corroborada pelo que menciona Hutcheon (1991), ao dissertar acerca das opiniões contidas na paródia intertextual do discurso metaficcional:

De certa maneira, a paródia intertextual da metaficção historiográfica encena as opiniões de determinados historiógrafos contemporâneos: ela apresenta uma sensação da presença do passado, mas de um passado que só pode ser conhecido a partir de seus textos, de seus vestígios – sejam literários ou históricos. (HUTCHEON, 1991, p. 164).

O passado de Felipa, seu caráter e personalidade são conhecidos somente pelo discurso ficcional, que envolve, de certa forma, o ponto de vista de um sujeito responsável por mesclar numa narrativa os eventos históricos a um acontecimento da mesma forma plausível. Para Hutcheon, o sujeito que atua dessa forma não deixa de ser um historiógrafo. A história presente na obra de DiPerna não só revela uma personagem ofuscada pelos registros oficiais, mas, também, outra forma de se conceber o período das grandes navegações.

## 5 Novas perspectivas do passado pela escrita de autoria feminina

No século XIX, as mulheres no Ocidente encontraram um espaço muito restrito na arte e na literatura para apresentarem sua versão daquilo que não tiveram oportunidade de retratar em todos os séculos passados – sua história, vista sob seu olhar. Conforme aponta Guerra (2007, p. 9), até a década de setenta, do século XX, a literatura de autoria feminina foi bastante prejudicada, pois, além das dificuldades que enfrentavam as mulheres para publicar suas obras, muitas vezes tendo de recorrer a pseudônimos masculinos, a crítica literária geralmente não lhes prestava muita atenção, e quando o fazia, “[...] explicaba y daba un juicio valorativo del texto a partir de una noción estereotípica de lo femenino, destacando aspectos como un estilo sutil y poético, la presentación de conflictos del corazón y el esbozo de los trazos íntimos del alma femenina.”<sup>10</sup> (GUERRA, 2007, p. 9).

Para a autora, tal fato se atribuía à falta de reconhecimento à literatura de autoria feminina. Isso também ocorria com a escrita dos demais grupos minoritários. Em sua grande maioria, eram os homens brancos e letrados, partindo de seus parâmetros, que atribuíam valoração a esses textos.

Desde os primeiros registros que temos do Ocidente, sabemos que o papel de propagador de conhecimento e do intelecto foi por muito tempo exclusivamente masculino. No âmbito da historiografia, os homens participavam ativamente dos grandes eventos, eram a maioria nas batalhas ou, ao menos, a maioria com a força necessária para guerrear e sobreviver, e os condutores das decisões econômicas de seus Estados. Portanto, era a eles incumbida a responsabilidade de manter os registros da história. A mulher, por sua vez, salvo raras exceções, era responsável por procriar e manter o ambiente do lar agradável e aconchegante para o provedor. Conforme aponta Fernández Álvarez, a mulher vista como “perfeita casada” deveria ser

[...] complaciente con el marido, siempre fiel y con buen semblante, entre sumiso y enamorado; con carácter firme ante los hijos, más bien severa que tierna y bondadosa, a fin de enderezarles en sus principios; vigilante con el servicio, para que cumpliera con sus obligaciones,

---

10 Nossa tradução: explicava e dava um juízo valorativo do texto a partir de uma noção estereotipada do feminino, destacando aspectos como um estilo sutil e poético, a presença de conflitos do coração e o esboço dos traços íntimos da alma feminina.

y diligente en el gobierno de la hacienda. Sin olvidar una de sus mayores obligaciones: ser buena paridera, en especial de hijos varones.<sup>11</sup> (FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, 2002, p. 120).

Eram essas qualidades que denotavam a perfeição em uma mulher como esposa, pois as mantinham submetidas às ideologias patriarcais.

DiPerna aponta a perpetuação desse juízo valorativo por meio da personagem protagonista Felipa Moniz. Mesmo sendo esposa do Almirante, e apesar de conseguir um lugar em meio a um ambiente predominantemente masculino, a ela fora atribuída uma tarefa assumidamente feminina:

The Admiral assigned to me the business of securing foodstuffs [...] The staple was mainly of ship's biscuit, a ground Bread of grain, oil and syrup – dull and dry to eat, but nutritious and long lasting. Plus sacks of beans and peas, wine, olive oil, vinegar, plenty of water of course, dried fish, salt, rice, cheese, figs, almonds – oh the list!<sup>12</sup> (DIPERNA, 1994, p. 6).

A passagem retrata o momento em que Felipa, ainda em Palos, está comprando os mantimentos necessários para a viagem. A precisão e o afincamento no desempenho da tarefa mostra que a personagem faz questão de informar ao leitor todos os itens contidos na lista de compras. Ela enfatiza que tal função lhe foi designada pelo próprio Almirante e, por assim ser, releva-a a ponto de considerar digno serem mencionados todos os seus detalhes.

Os preceitos que regiam a vida das mulheres na Europa foram transportados, junto com algumas delas, para o “Novo Mundo”. Grande parte das poucas mulheres que se aventuraram na colonização em solos americanos manteve-se submissa aos moldes patriarcais. Dessa forma, tomaram parte, junto com autóctones e negros, do grupo dos marginalizados, o grupo das minorias. Guerra (2007), ao tratar da escrita feminina, das noções de gêneros e suas implicações teóricas, aponta:

La somatización de las relaciones sociales basadas en una diferencia sexual que engendra la desigualdad hace que dicha desigualdad se presente como parte de lo que corresponde al ‘sentido común’, a un consenso que las mujeres, como seres dominados, aceptan sin cuestionar, ya que es transmitido a través de todas las instituciones, los mercados de consumo, las expresiones de la alta cultura y los medios de comunicación de masas.<sup>13</sup> (GUERRA, 2007, p. 87).

Para a autora, esses preceitos desiguais sob os quais se encontravam as mulheres eram vistos, em geral, pela sociedade, como ‘leis’ de ‘senso comum’ e, sendo assim, salvo exceções, as próprias mulheres viviam conformadas com seu posto de ‘inferioridade’, de seres dominados que aceitavam, em silêncio, os parâmetros estabelecidos.

---

11 Nossa tradução: Complacente com seu marido, sempre fiel e com bom semblante, entre submisso e enamorado; com caráter firme perante os filhos, mas tão severa quanto terna e bondosa; vigilante com os serviços para cumprir com suas obrigações, e diligente na administração das finanças. Sem esquecer-se de uma de suas maiores obrigações: ser boa parideira, em especial, parir filhos varões.

12 Nossa tradução: O Almirante me designou a tarefa de cuidar dos suprimentos. Este era composto basicamente de biscoitos próprios para viagens marítimas, uma espécie de pão de cereais, óleo e um tipo de melaço – seco e sem graça, mas nutritivo e não-perecível. Além de sacos de feijões e ervilhas, vinho, azeite, vinagre, água em abundância, claro, peixe seco, sal, arroz, queijo, figos, amêndoas - oh que lista!

13 A somatização das relações sociais baseadas em uma diferença sexual, causas das desigualdades, faz com que estas desigualdades se apresentem como parte do que corresponde ao “senso comum”, um consenso que as mulheres, como seres dominados, aceitam sem questionar, e que é transmitido através de todas as instituições, os mercados de consumo, as expressões da alta cultura e os meios de comunicação de massa.



Em uma das passagens em que Felipa aborda suas origens e seu histórico cultural, é apresentado o convento para o qual fora mandada quando jovem, a fim de terminar seus estudos. Ela exemplifica exatamente alguns desses preceitos:

[...] The convent evolved into a school for younger woman whose prominent families wished to see them live a quiet reflective life until they married, if they ever did. In meantime, they would meet only woman of a similar social standing so that their ideas and behavior would not be too much shaken [...] I had little choice so I entered at the age of 18, expecting fully to regret each day. And I did, with every basin of cold water brought to us in the morning by the good sisters so that we would learn to appreciate the hot. We were encouraged to be quiet always [...] but the greatest struggle of my stay at the convent was the battle for writing, a skill that was flatly denied us<sup>14</sup> (DIPERNA, 1994, p. 33-34).

Felipa se vê angustiada pelo estilo de vida submisso e reflexivo ali pregado. Seu maior desgosto é o fato de não poder aprender a arte da escrita, que era assumida pelas freiras como um exercício que não traria benefício algum àquelas mulheres. Assim, elas eram incentivadas a ocupar o tempo com tarefas proveitosas para uma moça, como o bordado e a costura. Disso, provinha a reputação das meninas do convento, que acatavam as normas como exigia o bom costume.

A conscientização em relação à condição em que se encontram certos grupos minoritários não ocorreu de forma abrupta, e até os dias de hoje, não se dá por completo. Porém, conforme essa consciência foi sendo gerada, resultou em uma incessante luta por parte do sexo feminino para conquistar uma sociedade igualitária. A luta por uma sociedade justa inclui, de igual forma, outros grupos minoritários, pois percorre um processo de reconstituição e reafirmação de identidades, de busca pela não exclusão social.

Na narrativa de DiPerna, a protagonista luta de todas as formas, mesmo a princípio não tendo total consciência de sua condição para afirmar sua identidade. Sua trajetória não a permitia contentar-se com o silêncio, como exprime em seus relatos:

From the outset, though, All Saints was not an ideal setting for me. I was hard-pressed to settle for life inside these unvaried surroundings, where practically no news entered and where absolutely no gaiety set foot. I craved the nourishment of my youth, memories of the constant visitors to our home with tales from afar, their talk of exotic coasts and men as dark as jade with gold earrings in one ear, of silver flying fish skimming the surface of the sea, of exciting things beyond my reach but not my dreaming.<sup>15</sup> (DIPERNA, 1994, p. 33-34).

---

14 Nossa tradução: [...] O Convento evoluiu para uma escola para mulheres mais jovens, cujas famílias proeminentes desejavam vê-las levar uma vida reflexiva e calma até se casarem, se elas o fizessem. Em pouco tempo, elas se encontrariam unicamente com mulheres de igual posição social, para que as suas ideias e seus comportamentos não fossem muito abalados [...] Eu não tinha muita escolha então entrei aos 18 anos de idade, sabendo que iria me arrepender por completo a cada dia. E assim o fiz a cada bacia de água fria trazida pelas boas irmãs para nós na parte da manhã, a fim de que pudéssemos aprender a apreciar o quente. Fomos encorajadas a permanecer em silêncio, sempre [...] Mas a maior luta durante minha estadia no convento foi a batalha pela escrita, uma habilidade que nos foi categoricamente negada.

15 Nossa tradução: Desde o início, porém, All Saints [Todos os Santos] não era o cenário ideal para mim. Eu tinha dificuldades em me contentar com a vida dentro desses ambientes imutáveis, onde praticamente nenhuma notícia entrava e onde absolutamente nenhuma alegria pisava. Eu queria o alimento da minha juventude, memórias dos visitantes constantes em nossa casa com histórias de lugares distantes, as histórias sobre costas exóticas e homens escuros como o jade com brincos de ouro em uma orelha, sobre peixe de prata voando sobre a superfície do mar, sobre coisas interessantes

Sua visão de mundo ultrapassava as limitações impostas pelo convento. Felipa desejava vistas, paisagens, histórias, coisas que estavam além de seu alcance como mulher/moça, mas não de seus sonhos. Certa vez, enquanto recitava suas orações como era de costume, Felipa acrescenta à reza uma linha de palavras próprias e assim desperta, não se sabe o porquê, a simpatia de uma das freiras que até então condenava seu interesse pelas letras. A freira cede ao impulso de Felipa) ao afirmar “I see that you will write in your mind regardless of what we forbid”<sup>16</sup> (DIPERNA, 1994, p. 35).

Dado o primeiro passo para a afirmação de sua própria identidade, a despeito de se submeter a certos parâmetros, tais como os relacionados ao papel exercido pela mulher no matrimônio, impõe-se como uma mulher que opta por se manter fora do conjunto comum que seguem as demais. Na narrativa, Felipa não só encoraja seu marido, como boa esposa, mas também, toma frente para gerar momentos oportunos para a concretização dos planos que foram engendrados em conjunto. Como ocorre quando da tentativa de convencer o Rei João II do possível sucesso que seria a grande navegação. A narrativa apresenta os planos e passos de Felipa a fim de alcançar seu objetivo, como segue:

The Admiral and I hesitated, but only momentarily, for I saw the King [...]. He aimed it seemed to partner each woman for a while. It looked as if we might have no other chance to talk. To capture the necessary time with him, I suddenly knew I too would have to join [...] I took a deep breath, tried not to lose my step, kept my eye on the King and counted the music [...] then too soon, his arching arm reached mine.<sup>17</sup> (DIPERNA, 1995, p. 120).

A passagem narra um evento comemorativo real, Felipa percebe nesse momento que o Rei haveria de dançar brevemente com todas as mulheres presentes na festa e, apesar da hesitação inicial, ela conduz o Almirante ao pátio de dança e mantém os olhos fixos no Rei para monitorá-lo e ser notada por ele. É bastante explícita nessa passagem a ideia de condução, de tomada de decisão e iniciativa por parte da mulher.

Felipa assume a identidade de mulher aventureira, até mesmo na decisão de arcar com possíveis despesas da viagem caso a proposta fosse rejeitada pelo Rei: “[...] if he does, I have already promised my husband I would pay some of the costs myself, not all, of corse, for we cannot, but enough to begin [...]”<sup>18</sup> (DIPERNA, 1994, p. 100), afirmando que cederia o suficiente para que a grande empreitada tivesse seu início. Sua determinação na narrativa se sobrepõe aos princípios da época, demonstrando um olhar adiantado e otimista em relação às demais mulheres.

Apesar de todo seu empenho, Felipa é por fim subjugada ao olhar desigual lançado pela sociedade patriarcal, sendo vista somente como um objeto para o alcance da conquista, sem ter suas atitudes relevadas como elementos que contribuíram para as mesmas.

---

além do meu alcance, mas não do meu sonho.

16 Nossa tradução: Vejo que você escreverá em sua mente, independentemente do que proibamos.

17 Nossa tradução: O Almirante e eu hesitamos, mas apenas momentaneamente, [...] Ao que parece, ele planejava dançar com cada uma das mulheres por algum tempo. Parecia que não teríamos nenhuma outra chance de falar com ele. De repente eu sabia que para conseguir o tempo necessário com ele, também teria que me juntar a dança [...] Respirei fundo, tentando não perder o meu passo, mantive meus olhos fixos no Rei e embalei com a música [...] e em pouco tempo, seu braço alcançou o meu.

18 Nossa tradução: Se o fizer, já prometi ao meu marido que eu mesma pagaria algumas das despesas, não todas, é claro, pois não podemos, mas o suficiente para iniciarmos.

Quando tudo se encontra sob controle do Almirante, e a empreitada começa a apresentar resultados satisfatórios, Colombo toma toda a autoridade possível como patriarca e refere-se a Felipa sempre submetendo-a às suas ordens,

Yes, Felipa, every moment has led to this one, every word has brought us to this mission, every promise [...] So it is not all to be wasted, never ever question my authority again. I do not need you to save my plans. I do not need a woman to... [...] these matters are too great for you.<sup>19</sup> (DIPERNA, 1994, p. 176-177).

Na referida passagem, o Almirante reafirma sua autoridade perante a esposa ao dizer que não precisa da interferência de uma mulher ou que ela salve os seus planos. Com esse gesto o marido despoja Felipa de toda sua bravura e importância dentro do contexto da navegação. Faz-se de esquecido com relação a todo o esforço empenhado por ela, como se sua inocência sobressaísse diante de sua forte personalidade, coragem e determinação. O Almirante, assim, assume por garantida a dedicação de Felipa, como virtude que ela deveria, por lei, desempenhar em função dele. Obviamente, Felipa mostrava-se uma pessoa de boa índole, uma mulher bondosa, e, por conseguinte, inocente em certos aspectos. Entretanto, além disso estava o fato de ela mostrar uma coragem que muitas outras não tinham; um espírito aventureiro e de companheirismo, características renegadas às mulheres exemplares do século XVI.

Outra passagem em que se faz ouvir claramente os preceitos da época ocorre quando o Almirante e sua esposa jantam e conversam sobre o tratamento que receberam dos nativos naquele dia. Ele deixa explícita sua opinião em relação ao sexo feminino. “But woman are used to being on bended knee, Felipa [...] These are not our race, my dear, they value and enjoy supplication, though I must say that does seem to be a trait of your sex no matter the culture.”<sup>20</sup> (DIPERNA, 1994, p. 260).

Ao discutir sobre a atitude de uma nativa que forçosamente teve que se prostrar perante Colombo e suplicar perdão diante do envenenamento de um de seus homens, pelo qual ela não fora de fato responsável, Felipa reprova a passividade de seu marido e o fato de ele ter aceitado que a mulher fosse rebaixada a tal ponto, sabendo que ela não era culpada pelo ocorrido. Em troca, o Almirante lhe responde dizendo que a súplica é uma característica própria do sexo feminino e aprazível às mulheres, e que, portanto, deve ser propriamente exercida.

Na mesma noite, Felipa decide libertar os nativos que se propuseram a seguir viagem junto deles por conta do ocorrido. Episódio que coincide com a data oficial de 5 de novembro, quando já se encontravam em Cuba. Hernando de Colón, na tradução de Coheen, descreve o episódio da seguinte forma: “He gave orders that a native of the island should be taken aboard [...] So a dozen persons, men, women and children – were taken in a peaceful way, without noise or trouble.”<sup>21</sup> (COHEN, 1969, p. 80). DiPerna parodia esse episódio, indicando que a rendição desses homens pode não ter

---

19 Nossa tradução: Sim, Felipa, cada momento nos conduziu a este, cada palavra nos trouxe a esta missão, cada promessa [...] Por isso não está tudo em jogo, nunca, jamais questione minha autoridade novamente. Eu não preciso que você salve meus planos. Eu não preciso de uma mulher para ... [...] Essas questões são grandes demais para você.

20 Nossa tradução: Mas as mulheres estão acostumadas a ficar de joelhos, Felipa [...] Eles não são parte da nossa raça, minha querida, elas valorizam e desfrutam da súplica, mas devo dizer que este parece ser um traço do seu sexo, não importa qual seja a cultura.

21 Nossa tradução: Ele deu ordens para que um nativo da ilha fosse levado a bordo [...] Assim, uma dúzia de pessoas, homens, mulheres e crianças - foram tomadas de forma pacífica, sem ruídos ou dificuldades.

ocorrido de forma tão apaziguada quanto é descrito nos documentos oficiais. No romance, Felipa encontra meios de “vingar” a nativa que fora condenada por envenenamento.

Após embebedar o Almirante e fazê-lo cair em sono profundo, vai ao encontro dos nativos e lhes indica uma canoa, ordenando que fujam. Ao ver a última mulher que se levantava para partir, percebe nela arranhões, aparentemente causados por unhas, na cintura e nas costas, que não estavam lá anteriormente, “My eyes burned with shame. Take land as you take woman, de la Cosa had said. I signaled her to stop a brief second. I raised my hand to my mouth, kissing each of my fingers, and pressed them one after the other into her wounds.”<sup>22</sup> (DIPERNA, 1994, p. 264). Felipa lembrou-se das palavras jocosas de la Cosa que dizia que deveriam tomar as terras como se tomavam as mulheres, e sentiu-se envergonhada pela atitude baixa dos seus companheiros de viagem. Mais adiante ela aprende a reconhecer que não eram somente as outras mulheres que estavam sendo usadas como objetos, mas que ela própria vinha sendo usada há muito tempo, tanto por seu marido, quanto por seu amante, Pinzón.

Na caminhada rumo à igualdade, grupos minoritários encontram na arte um importante veículo para combaterem a desigualdade e (re)afirmarem sua identidade. Para a figura feminina, a escrita tem se constituído no âmbito da literatura como um campo de reconstrução da categoria ‘mulher’ (BORGES-TEIXEIRA, 2008, p. 46). No romance de DiPerna vemos que ao registrar suas impressões Felipa consegue refletir sobre sua condição, e assim buscar possíveis saídas para a situação. Isso fica claro na mensagem escrita por ela a Beatriz:

And so I write to you finally, Beatriz de Harana, companion of the western rout, though we have never met, for it is also of you I read among the Admiral’s possessions [...]. I believe you will understand, as another woman, having no tendency not wish to judge me [...]. I cannot stop what happened here, but I cannot resume my life as before. I did not show myself to the searchers, for I do not wish to return, to become their convenience again, merely their colony at home. (DIPERNA, 1994, p. 284-286).

Por meio da escrita, Felipa repassa suas experiências e se dá conta da posição na qual está inserida a mulher na sociedade em que vive. Nesse sentido, vemos que pelo exercício da escrita a mulher tem a possibilidade de recuperar experiências emudecidas pela tradição cultural dominante e reafirmar sua identidade, além de compartilhar isso com os demais.

Paula DiPerna, ao propor uma paródia de um texto masculino histórico e hegemônico não o faz de maneira simplista e inocente. Carvalhal (1992), ao tratar da conceitualização de literatura comparada, nos esclarece acerca do segundo texto (aquele que é representação, paródia, ou retomada intertextual de um primeiro), mencionando que

[...] sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muito menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o (por que não dizê-lo?) o re-inventa [...] Isso comprova que a invenção não está vinculada à ideia de ‘novo’. E

22 Nossa tradução: Meus olhos arderam em vergonha. Tomar terras como se tomam mulheres, de la Cosa havia dito. Fiz sinal para ela parar por um breve segundo. Elevei minha mão à minha boca, beijando cada um dos meus dedos, e pressionei-os um após o outro em suas feridas

mais, que as ideias e as formas não são elementos fixos e invariáveis. Ao contrário, elas se cruzam continuamente. (CARVALHAL, 1992, p. 53-54).

A re-escrita do *Diário* de bordo efetuada por DiPerna propõe a humanização de uma personagem tão idolatrada ao longo da história, bem como a imagem do autóctone provido de alma, e a da mulher submissa e enclausurada como ser capaz de reinterpretar e reconfigurar os fatos históricos.

No que tange às características da escrita de autoria feminina, Castelo Branco e Brandão (1989), ao analisarem a poética de Florbela Espanca e Gilka Machado, apresentam a visão de que entre tantas atitudes divergentes e contraditórias da crítica literária em relação à escrita feminina “[...] permanece uma tênue e difícil trajetória comum: a busca de identidade.” (CASTELO BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 109).

Para as autoras, é difícil afirmar uma linguagem específica fisiológica como propriamente linguagem feminina, porém, afirmam que talvez exista mesmo uma linguagem distinta, que, entretanto, é feminina em sua origem arquetípica e não propriamente em sua fisiologia. “Uma linguagem, quem sabe, de grande parte das mulheres e dos homens que se alinham sob a bandeira das mulheres, como sugere Lacan. Mas, sobretudo, uma linguagem uterina, primal, paradoxalmente egocêntrica e cósmica, em busca da sua própria gênese.” (CASTELO BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 109).

Para as pesquisadoras, há a hipótese da existência de uma linguagem feminina que certamente não se codifica nos moldes da masculina, por ser anterior à “Lei do Pai”, pois

[...] a linguagem feminina configuraria um universo pré-discursivo, em que a voz, o corpo e o toque da mãe funcionam como significantes, imprimindo um significado em contato com o corpo da criança. Nesse sentido a escrita feminina consistiria de fato num projeto impossível, enquanto registro verbal de processo averbal. (CASTELO BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 112).

A prática de verbalizar o indizível, o impossível, apresenta-se como marca recorrente na escrita feminina. Entretanto, por ser uma linguagem simbólica que fica atrás do pensamento, e para a dessimbolização da linguagem o corpo feminino ocupa lugar privilegiado, existe uma tentativa de escrever fazendo uso do corpo como um todo, pois o corpo em si é uma incógnita,

[...] e talvez por isso essa escrita busque se afirmar como fala, já que, em sua modalidade oral, a linguagem verbal conta necessariamente com a presença (e com a linguagem) do corpo [...]. Segundo Beatrice Didier, essa característica oralizante do texto feminino funda-se numa prática secular – a tradição oral – onde a mulher, sobretudo a avó, com suas histórias e canções de ninar, ocupou papel determinante. Tal ‘oralidade’ [...] imprimiria ao texto feminino ritmo e tempo peculiares, que o afastariam radicalmente da narrativa tradicional (CASTELO BRANCO; BRANDÃO, 1989, p. 113-114).

A linguagem feminina escrita seria representada pela linguagem oral, e o afastamento que esta linguagem sofre em relação à narrativa tradicional diz respeito ao tempo cíclico da narrativa, com rupturas e descontinuidades. Tal característica é notável na narrativa de DiPerna, visto que Felipa, como narradora, irrompe várias vezes dentro da narrativa, retomando lembranças e tempos passados, criando um diálogo consigo mesma dentro de seu próprio diário, retomando falas de sua mãe, impressões de seu pai e desejos do “eu”.



Estas são, porventura, características que auxiliam a construção de textos escritos por mulheres que remontem um passado histórico de figuras das quais não temos se não vago conhecimento. Imaginar quais seriam as linguagens de seus corpos, transcrevê-los a uma linguagem verbal, conjecturar emoções e sentimentos e olhares que até os dias atuais grande parte das mulheres ainda não aprendeu a expressar. E, dessa forma, caminhar para que estas releituras de não ditos possam, de alguma forma, vir a contribuir no contexto atual à condução pelo conhecimento do “eu”, à autorreflexão, e à expressão própria da identidade como mulher.

## 6 Considerações Finais

Exploramos a narrativa de Paula DiPerna, *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his wife's version* (1994), com o propósito de dialogar com aspectos contidos no romance histórico contemporâneo de mediação e suas relações com a história. Ao apresentar a reescrita da vida de Cristóvão Colombo, de seus feitos, e da grande empreita do descobrimento, Paula DiPerna o faz no intuito de desmitificar a história e a personalidade oficialmente registradas do Almirante.

Ao ignorar os fatos históricos referentes à morte de Felipa, que ocorreu antes mesmo de Colombo partir para a Espanha, e a existência de um filho seu, já no momento em que se iniciam as primeiras viagens, a autora propõe um revisionismo da trajetória passada e proporciona ao seu leitor uma leitura crítica dos eventos registrados. Além disso, propõe uma releitura pelo viés feminino, pela visão de uma mulher inserida no século XX, cujas perspectivas diferenciavam-se daquelas das mulheres do século XVI. Tal procedimento nos revela que a mulher, mesmo inserida em um contexto patriarcal, pode ter uma consciência crítica a respeito de sua própria existência, e que para tanto, bastam algumas atitudes que a levem ao despertar dessa consciência.

Para a personagem Felipa, o despertar dessa consciência se deu por meio do exercício reflexivo da escrita, de verbalizar o não dito, partindo da transcrição de ações cotidianas que, marcadas pela escrita, não se deslocam da memória tão facilmente.

Assim, procedeu-se a descoberta de Felipa em relação ao seu esposo, sua identidade e sua posição social. Do mesmo modo, assim pode se proceder a descoberta da realidade das mulheres no contexto atual.

---

**Other looks about the past in *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994), by Paula DiPerna**

**ABSTRACT**

The present study examined the novel *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994), by Paula DiPerna, from the paradigm of mediation contemporary historical novels (FLECK, 2007), as one of the few narratives of female authorship about the historical question of the Poetics of the Discovery and actions of Christopher Columbus. We highlight some traces of the narrative that refer to the appreciation of women participation in historical events, as well as to the criticism that points to different perspectives for Columbus' action during his first trip to America. The novel suggests a revisionism of the past trajectory, and re-reading from a feminine bias of a woman inserted in the twentieth century, whose perspective differ from those of sixteenth-century women. We base our analysis on the assumptions of Comparative Literature, especially on the relation among Literature and other areas of knowledge.

**Keywords:** Contemporary Historical Novel of Mediation. Feminine writing. Poetics of the Discovery. *The Discoveries of Mrs. Christopher Columbus: His Wife's Version* (1994).

## REFERÊNCIAS

- AÍNSA F. **La Nueva Novela Histórica Latinoamericana**. Plural, v. 240, p. 82-85, 1991.
- BORGES-TEIXEIRA, N. **Escrita de Mulheres e a (des)construção do cânone literário na pós-modernidade: cenas paranaenses**. Guarapuava: Editora Universitária, 2008.
- COHEN, J. M. **The Four Voyages of Christopher Columbus**. London: Penguin Books, 1969.
- DIPERNA, P. **The discoveries of Mrs. Christopher Columbus: his wife's version**. New York: The Permanent Press, 1994.
- FERNÁNDEZ A. M. **Casadas, monjas, rameras, y brujas: La olvidada historia de la mujer española en el renacimiento**. Madrid: Espasa Calpe, 2002.
- FLECK, G. F. **Imagens metaficcionais de Cristóvão Colombo: uma poética da hipertextualidade**. 2005. 311 f. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2005.
- \_\_\_\_\_. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. **Gragoatá**, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.
- \_\_\_\_\_. **O romance, leituras da história: a saga de Cristóvão Colombo em terras americanas**. 2008. 333 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras. Assis, 2008.
- FLECK, G. F. **O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.
- GUERRA, L. **Mujer y escritura: fundamentos teóricos de la crítica feminista**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.
- HUTCHEON, L. **Poética do pós-Modernismo**. Trad. Ricardo Cruz; Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENTON, S. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 39-62.
- TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

## **BIOGRAFIA**

### **Kamyla Katsue Kawashita**

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

### **Gilmei Francisco Fleck**

Professor Associado da UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil na Graduação em Letras, nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas, na Pós-graduação em Letras (Mestrado Acadêmico e Doutorado) nas áreas de Literatura Comparada e Tradução Pós-doutor em Literatura Comparada e Tradução pela UVigo/Espanha.